

VERNON SUBUTEX

DES
PEN
TES

3

«Magistral e fulgurante.»

L'EXPRESS

ELSINORE



*Look up here, I'm in heaven
I've got scars that can't be seen
I've got drama, can't be stolen
Everybody knows me now.*

DAVID BOWIE, *Lazarus*

in memoriam Sven Polhammer

ÍNDICE DE PERSONAGENS DOS VOLUMES 1 E 2

Charles: Frequentador do parque Buttes-Chaumont e das tascas das redondezas, conhece Vernon no início do volume 2, quando este último está caído num banco, doente e febril. Charles trata dele e tornam-se amigos. Calhou-lhe, há muito tempo, a sorte grande na lotaria nacional e decidiu não contar a ninguém.

Kiko: Ex-corretor, cocainómano, vive no VIII^e *arrondissement* de Paris. Convencido de que Vernon é um DJ genial, albergou-o durante algum tempo, pô-lo na rua e depois reconciliou-se com ele.

Alex Bleach: Cantor de *rock*, morreu de *overdose* no início do volume 1, num quarto de hotel. Velho amigo de Vernon, gravou três cassetes nas quais conta a sua história, em particular as suas disputas com Dopalet, a quem acusa de ter matado Vodka Satana, por quem Alex esteve profundamente apaixonado.

Véro: Aparece rapidamente no volume 2 como companheira de Charles. Manteve-se sempre afastada do grupo de Subutex.

Pamela Kant: Ex-estrela porno, *geek*. Era amiga de Vodka Satana. Participou nas buscas por Vernon no volume 2, antes de se tornar sua amiga.

Márcia: Transsexual de origem brasileira, vive em Paris, onde é cabeleireira em *shootings* de moda. Vivia no apartamento de Kiko, no volume 1. Quando Vernon se apaixonou como um maluco por ela, desapareceu.

Laurent Dopalet: Produtor, quinquagenário, pai de Antoine. No volume 1, contrata a Hiena para encontrar as cassetes comprometedoras de Alex Bleach. No fim do volume 2, o produtor é agredido em casa por Aïcha e Céleste, que querem vingar o assassinio de Vodka Satana.

A Hiena: Detetive privada clandestina, trabalhava para Dopalet, mas traiu-o para se juntar ao grupo que gira em torno de Subutex.

Olga: Sem-abrigo no volume 2, tem uma natureza explosiva. Ficou vidrada com Vernon, que conheceu quando este estava na miséria.

Xavier: Argumentista sem sucesso há duas dezenas de anos, marido de Marie-Ange, tem uma filha, adora cães e juntou-se ao grupo que gira em torno de Vernon.

Marie-Ange: Mulher de Xavier, com quem tem uma filha pequena.

Sylvie: Ex de Alex Bleach, albergou Vernon no volume 1, teve um breve romance com ele, depois anda atrás dele, enraivecida, quando ele desaparece sem dizer nada. Juntou-se ao grupo que o rodeava no parque Buttes-Chaumont. Sylvie é a mãe de Lancelot, que saiu de casa no início do volume 1 para ir viver com a namorada.

Emilie: Amiga de juventude de Vernon, era baixista quando era mais nova, mas cortou a ligação ao mundo da música. Hospedou Vernon por um breve período, depois participou nas suas buscas antes de se juntar ao grupo que o rodeava no Buttes-Chaumont.

Laurent: Vernon conhece-o na altura em que está na rua. Sem-abrigo, Laurent é um indigente de longa data. É ele quem explica a Vernon os rudimentos da vida de precário.

Patrice: Tem trabalhos temporários, vive nos subúrbios, é tatuado, mal-humorado, por vezes violento. Apaixona-se por Pénélope no fim do volume 2 e junta-se ao grupo que gira em torno de Vernon no parque Buttes-Chaumont.

Antoine: Curador, é filho de Dopalet. Informa o grupo das atividades do pai.

Sélim: Universitário, ateu, é o pai de Aïcha, que teve com Vodka Satana. Nunca contou à filha que a mãe foi atriz porno. Ela fica a sabê-lo durante o volume 2. Pertence ao grupo que gira em torno de Subutex no parque Buttes-Chaumont.

Aïcha: Estudante de Direito, jovem muçulmana praticante, descobriu a verdade sobre a morte da mãe ao ouvir as cassetes de Alex Bleach. Vingou-se agredindo Dopalet em casa deste. A Hiena ajuda-a a esconder-se no final do volume 2 para evitar represálias.

Vodka Satana: Mãe de Aïcha, que teve com Sélim. Esteve noiva de Alex Bleach. Trabalhava no meio pornográfico, era amiga de Pamela e de Daniel. Morreu de *overdose* quando tinha acabado

de fazer trinta anos. Segundo as confissões de Alex, teria sido morta por Dopalet, que temia que ela provocasse um escândalo em torno da sua relação.

Céleste: Tatuadora e empregada de mesa no bar Rosa Bonheur. O pai, polícia, frequentava a loja de discos de Vernon, o qual reconhece ao cruzar-se com ele. Tornando-se amiga de Aïcha no volume 2, acompanha-a na vingança contra Dopalet. A Hiena ajuda-a a esconder-se, tentando pô-la ao abrigo das eventuais represálias de Dopalet.

Lydia Bazooka: Crítica de *rock*, era uma fã obcecada por Alex Bleach. Albergou Vernon, depois juntou-se ao grupo que o rodeava, à procura dele. Pôs na cabeça escrever a biografia detalhada de Alex Bleach.

Daniel: Amigo próximo de Pamela Kant. Transsexual. Sensível ao charme de Céleste, que nunca lhe retribuiu.

A estação de Bordéus está em obras, com uma carrada de andaimes. No cais, um adolescente anda de um lado para o outro a fumar cigarro atrás de cigarro, usa ténis sem meias, pondo a força nos calcanhares, como se tivesse alpercatas. Lança olhares hostis através dos vidros. Dir-se-ia que está à espera de que alguém resmungue para saltar para dentro do comboio e espetar-lhe um murro. Os revisores repararam nele, puseram-se à frente das portas para o impedir de entrar no último momento. As quatro notas do *jingle* da SNCF ressoam na carruagem, seguidas do toque estridente que anuncia a partida. O adolescente continua no cais e Vernon cruza o olhar com ele, sendo atingido pela intensidade do seu ódio. Como se este lhe fosse pessoalmente dirigido. Esse ódio ultrapassa o desejo de matar, a vontade de destruir — é uma hostilidade que gostaria de fazer imergir no tempo para lhe arrancar as vísceras de sete gerações.

Vernon escorrega no assento, estica as pernas. Esquecera-se do quanto gostava de andar de comboio. Domina-o uma euforia tranquila. Observa a paisagem a ganhar velocidade. Há um ambiente muito próprio nas viagens ferroviárias, uma conformidade coletiva que nos leva a não ser incomodados durante várias horas, uma transição feliz entre duas situações. Vernon recorda-se, desordenadamente, de vésperas de Natal, de saídas em férias,

de percursos em grupo até a algum festival, ou sozinho, para se encontrar com uma namorada da província. As imagens sucedem-se, cada uma delas arrastada por uma nostalgia que qualificaria de frágil. Tem a memória cheia de fragmentos em espiral que não respeitam uma linha cronológica. Tudo o que tem que ver com a sua vida passada tingiu-se de estranheza, mergulhou num caos informe e longínquo. E nem se dá que possa atribuir essa confusão às drogas: há meses que não toma nenhuma. Aconteceu por si só. Começou a aborrecer-se assim que ficava pedrado, à espera de que aquilo passasse, a perguntar a si mesmo que raio de coisa tinha considerado lúdica nesse desregramento debilitante. As drogas servem para proteger do tédio, tornam tudo interessante, como uma gota de *Tabasco* num prato sem sabor. Mas Vernon já não receia o tédio, nem a solidão, nem o silêncio, nem a obscuridade. Mudou muito. As drogas já não lhe servem para nada.

Nestes últimos dias, no entanto, vítima de uma dor de dentes horrível, enfardou opiáceos anestésicos com efeitos agradavelmente mocantes, e essa sensação de se mover através do algodão não lhe desagrada. Banha-se numa luz surda, como se uma nuvem tivesse descido sobre si, adaptando-se aos contornos do seu corpo e envolvendo-o, aonde quer que vá. Já passou por muito. Esteve sempre à espera de que as cáries se degradassem a tal ponto que o impedissem de dormir para finalmente ir a um dentista. Mas esta crise superava tudo. Quando o dente doente roçava no de baixo, sentia-se rasgado por uma estocada, e a dor levantava-o e desfazia-o contra o chão. E então urrava, sem conseguir controlar-se. Olga recomendou-lhe que bochechasse com aguardente. Já sem nada a perder, Vernon lavou a boca com vodca. A anestesia funcionou durante um momento, mas depois ele acabou por sucumbir, a cair de bêbedo. No dia seguinte, a ressaca

juntou-se às fulgurâncias do abcesso, e ele voltou a conhecer o martírio. Como um animal doente, retirou-se para um canto, enrolado sobre si mesmo, a delirar de sofrimento.

Alguém foi chamar Kiko. Porque tem mais dinheiro do que os outros, dir-se-ia que Kiko é o mais adulto do grupo. Respondeu logo tenho um sócio que é dentista, vou já chamá-lo. O médico enviou por *fax* uma receita para a farmácia mais próxima, e Pamela pegou no carro para ir buscar os antibióticos e o analgésico. Era a primeira vez que uma urgência os forçava a contactar com o mundo exterior.

A seguir, Vernon engoliu tudo o que lhe deram, sem discutir. Estava certo de que nenhum produto teria a potência necessária para conter um calvário daqueles. Mas meia hora depois estava já demasiado fodido para sequer sofrer. Apercebia-se disso a léguas. Melhor do que os analgésicos, só uma seringa de morfina. Aquele dentista, capaz de prescrever uma droga tão eficaz, inspira-lhe uma enorme confiança. Vernon estava tão aliviado por já não sentir o dente que foi deitar-se e descansou durante três dias de seguida, deixando os antibióticos fazer efeito, enquanto o analgésico o arrastava para uns sonhos lentos.

Durante esse tempo, à sua volta, planificam a sua viagem a Paris. Vernon gosta de que se ocupem de si. As coisas avançam, quer ele se imiscua quer não. Não precisa de estar doente para ser inativo. Se nos deixamos levar pela onda, a vida em grupo supõe que se esteja constantemente a fazer «alguma coisa» — há sempre uma roda para trocar, sacos para arrumar, legumes para lavar, uma cadeira para arranjar. Vernon diz «vou ver as minhas *playlists*» e estende-se na cama. O incrível da situação é que ninguém tem nada para criticar nessa atitude. Pelo contrário,

todos gostam da ideia de lhe serem úteis, agradáveis, de lhe prestarem um serviço. Então, deitou-se de lado, aliviado pela ausência de dores, e, quando acordou, indicaram-lhe a estação escolhida para a sua viagem, a hora de partida, o nome do dentista e os códigos para entrar em casa de Kiko, onde ia ficar.

Abandona o grupo pela primeira vez em mais de um ano. Os outros, a maior parte deles, fazem idas e vindas à vida civil. Mas Vernon não tem faturas para pagar, nem familiares para visitar, nem trabalhos para fazer... Assim sendo, já não vai às cidades. Não tem lá nada para fazer. Quando lhe disseram que ia a Paris para se tratar, agradeceu-lhe a ideia de ver a capital. Mas sente-se mais desajustado do que aquilo de que estava à espera.

À sua frente, sentou-se uma mulher pequena, de cabelos longos e esticados, de um louro burguês. O impermeável ajustou-se-lhe à cintura, usa botas com tacões altos. Tem uns olhos bonitos, de um azul magnético. Tem, à vontade, sessenta anos. Rugas preenchidas, provavelmente, mas as mãos acusam a idade. Usa um brilhante, talvez uma aliança. É enternecedora. Vernon dirige-lhe pequenos sorrisos, aos quais ela responde com gentileza. Deseja-a. Há algo na sua pele que o atrai. Gostaria de lhe propor que descessem na estação seguinte e entrassem no primeiro hotel que lhes aparecesse à frente.

Perdeu o hábito de ver mulheres que não ficam nervosas com ele. No grupo, mesmo as raparigas que não têm qualquer intenção de dormir com ele o mimam e acarinhos. Tem uma posição particular, tratam-no como um guru. Isso alterou a sua relação com o género feminino — agora, todas as raparigas são suas amigas. Elas desejam-no, e ele é de uma natureza prestável.

Nunca saberá se a mulher loura responderia favoravelmente aos seus avanços. Ela nunca pousará sobre ele esse famoso olhar

cheio de gratidão do pós-coito. Não dormirá com ela: Mariana acompanha-o nessa viagem. Há algumas semanas que é namorada dele, o que constitui uma espécie de recorde. Ele tem dificuldade em assentar: há demasiada procura. Está bem com uma rapariga, aquilo até podia durar, e chega outra que o põe com dúvidas, que o desestabiliza, e ele salta fora. Os jovens chamam a isso poliamor. Daquilo que sabe, tal consiste em dormir com quem se quiser sem a preocupação com o que a rapariga da véspera pensa acerca disso. Mas Mariana deteve-lhe o ímpeto. Pôs-se numa posição de mulher regular com uma naturalidade desconcertante para uma rapariga tão tímida. Ele deixou-se levar porque, mais do que sufocá-lo, ela o tranquiliza. Ele gosta dela. Começou a desejá-la ao vê-la a imitar Axl Rose, correndo como um diabo enquanto brandia um microfone imaginário. Depois ficou ligeiramente apaixonado quando ela dançou ao som de Tina Turner, a quem vence no jogo de pernas com um brio incrível. Percebeu que se desviara do donjuanismo quando ela executou uma coreografia em cima de uma música de Missy Elliott. Ela possui também os seus movimentos para dançar Madball ou Korn — não há registo musical de que não domine os códigos com uma magia absolutamente particular. Entre o seu corpo e o som, há uma harmonia que advém de uma cultura extensa, surpreendente para uma rapariga da sua idade. Mariana ainda não tem sequer trinta anos. Conhece tão bem AC/DC como M.I.A. Ouve coisas que ele conhece e às quais ainda não prestou atenção, e ela sabe que passagem escolher para que ele finalmente se interesse por aquilo. Passam o tempo a ouvir discos, e Vernon tem a impressão de ter encontrado um amigalhaço e ao mesmo tempo uma amante que, quando beija, se parece com uma sereia — toda ela ondula, seduz, promove-se e provoca. Ela põe no sexo e na dança tudo o que não formula por palavras.

Quando se organizou esta viagem, ela disse que o acompanharia e que iriam de autocarro, o que não ficaria muito caro, mas a partir de Bordéus seriam nove horas de estrada seguidas e Kiko disse coitadinhos, mas vocês vivem na Idade Média ou quê? Em França, temos TGV, vou já comprar os bilhetes. Mariana acompanha-o, era óbvio. Ela disse o Vernon está demasiado pedrado para viajar sozinho, vai enganar-se no cais e quando der por si, está em Frankfurt com um abcesso do caraças. Ela gosta de Vernon. Ele sente-o. Ele aceita. Isso abre-lhe uma brecha no meio do peito. Sucumbe. Ela pôs os auscultadores, ouve Amy Winehouse e devora porcarias na Net. Não gosta da disciplina do acampamento, que a obriga a abster-se de utilizar a Net. Diz que são parvoíces de velhos tecnófobos. Submete-se a isso porque não tem escolha. É preciso mesmo gostar dele para que ela imponha isso a si própria, e assim que chegaram a Bordéus e lhe devolveram o aparelho, ela iluminou-se. Finalmente, reencontrava o mundo.

Por cima do ombro, ele vê desfilar as fotografias no Instagram, um porquinho bebé, uma rapariga estendida em cima de areia fina, um *milkshake* verde, Paul Pogba em tronco nu na penumbra, Soko ao acordar, um desenho do anjo da morte a carregar uma bomba, uma gorda cabeça de erva a escorrer resina... Ela desliza a mão pela dele, sem descolar os olhos do ecrã. Vernon sente uma onda de calor a subir-lhe da cova da palma da mão para o ombro, depois a invadir-lhe o peito inteiro. Consegue visualizar a sensação, pode até dizer de que cor é — de um verde-esmeralda. Não é o medicamento que lhe faz aquilo. Fica assim mesmo quando não o toma. Algo nele está desregulado, nunca mais voltou ao normal. Mudou.

Ouviu muitas teorias, mais ou menos disparatadas, sobre as razões da sua transformação, a que muita gente no acampamento

chama «despertar». Há os que dizem que a sua taxa de serotonina terá explodido. Porque não? A teoria do caos hormonal tem os seus defensores. Apesar de tudo, como diz Daniel «com todos os perturbadores endócrinos que nos rodeiam, sabe-se lá — às tantas, isso fez-te, tipo, um *reboot* global». Outros inclinam-se para a tese de uma andropausa acelerada, brutal e paradoxalmente salutar. Talvez... Vernon não tem a sensação de ter perdido a força física, mas nunca teve o caparro de um lenhador. Talvez a sua libido tenha mudado — mas é difícil dizer: antigamente, não andava sempre rodeado de raparigas que só lhe querem fazer favores. Demasiada exigência acaba com a exigência — está menos descontrolado do que antes, mas é lógico: fode tudo o que mexe no acampamento. Noutras ocasiões, evoca-se o despertar da Kundalini para explicar as sensações bizarras, as visões estranhas, os estados inconscientes nos quais mergulhou sem um sinal antecipado de aviso. Teria respirado com demasiada força ou demasiado bem — a visita de algum extraterrestre que o teria escolhido como domicílio terráqueo. Evoca-se também a mudança de frequência — a realidade seria como um posto de rádio, e uma mão celeste teria alterado a sintonia.

De início, Vernon acreditou que o acampamento atraía muita gente esquisita. Aos poucos, compreendeu que o mundo estava cheio de pessoas com crenças aberrantes que, quando se conhecem, se pode achar que são sensatas. O enigma de Vernon permite-lhes exprimir as suas bizarras. Eis como, entre a salada e o queijo, acontece frequentemente que lhe falem da sua conexão vibratória privilegiada com o quartzo macrocristalino. O país está povoado de entusiastas convencidos de que os mortos estão no meio de nós, que na floresta deambulam criaturas invisíveis ou que, expondo-se às ondas sonoras adequadas, se pode restabelecer um campo magnético... Basta que se lhes

dê a oportunidade para expor as suas teorias e entra-se por caminhos estranhíssimos...

As pessoas de fora vêm ao acampamento, a cada dois ou três meses, quando eles organizam uma convergência. É o nome que dão — ninguém se lembra de ter inventado o termo, mas é utilizado por todos — à noite durante a qual Vernon escolhe a música para fazer dançar os participantes. Estas convergências ritmam as suas vidas — encontrar um sítio para se estabelecerem, preparar os sanitários, o evento, depois arrumar tudo e partir para outro sítio. Isto é feito sem que ninguém decida que seja feito assim. Digamos que acontece, simplesmente.

Os candidatos às convergências depressa se tornam tão numerosos que é preciso toda uma organização para selecionar os participantes e não ultrapassar a centena. Passa-se algo. As pessoas chegam, algumas são superchatas, vêm «para ver», desconfiadas e agressivas, como se andassem a tentar vender-lhes uma trapaça qualquer quando não se lhes vende nada, nem sequer uma cantilena: trata-se apenas de dançar até de madrugada. O extraordinário é aquilo que quem dança sente — sem drogas, sem preparação, sem truques.

Há sempre um punhado de cétricos que se passeiam afirmando à toa que não acreditam, que só vendo, que ficariam muito admirados se algo lhes acontecesse nessa noite, porque não têm ilusões sobre nada e são demasiado astutos para se deixarem baralhar das ideias. Vernon e os outros não tentam convencê-los. Basta esperar. À noite, na pista de dança, começam de braços cruzados, um sorriso forçado, determinados a não se deixarem levar, a não se deixarem iludir. E duas horas depois são apanhados. No dia seguinte, serão incapazes de dizer em que momento passaram

para o lado da multidão, no seu movimento lento e repetitivo. Regra geral, são os mesmos que, quando o dia se levanta, estão mais perturbados. É o que vêm procurar, no acampamento, durante as convergências. Uma confusão suave, luminosa, que dá vontade de demorar o seu tempo e de manter o silêncio. As epidermes perdem as suas fronteiras, cada um torna-se no corpo do outro, é uma intimidade expandida.

E, a cada convergência, Vernon sente-se como um zé-ninguém sobre o qual se apontasse um potente projetor. Dão-lhe demasiada importância. Chamam-lhe o Xamã. Oficialmente, é por brincadeira. Factualmente, sente os olhares nas suas costas, uma expectativa enreda-se-lhe ao longo da coluna. As pessoas escutam-no, desconfiadas, desejosas de saber se é um vigarista, ou observam-no com atenção, apaixonadas, convencidas de que ele as pode salvar. Ele não sabe bem o que fazer para manter a desenvoltura enquanto todas as coisas se viram para si. Felizmente, não há grande sequência nas ideias para que lhe enervem a mona durante muito tempo. Pensa *é demasiado stress, já estou a passar mal*, e no minuto a seguir fica a olhar para uma folha numa árvore e isso absorve-o por completo. Isso limita-lhe a dor de cabeça. Mas, ainda assim, dá-se conta do medo de perder algo. Nunca na vida se passou com o medo de perder aquilo que tinha: teve sempre a impressão de que isso não dependia dele. Agora goza de um conforto que não é material — dormem em casas vazias, quando as há, raramente aquecidas, instalam-se ao lado de nascentes quando não há água corrente e fazem pelo menos sete casas de banho exteriores, comem em marmitas — e, apesar de tudo, vivem no luxo. Estão convencidos de que estão a partilhar uma experiência à parte, uma bola extra que a vida não lhes devia, qualquer coisa do domínio da dádiva, da magia. E ele não quer que isso se acabe.

Na carruagem, os passageiros abriram os computadores portáteis em cima das mesinhas desdobráveis. Veem filmes, preenchem tabelas, redigem *e-mails*. Outros têm os olhos presos aos telemóveis. Todos estão cativos. Já não existem corpos sem as suas extensões, entre os indivíduos que podem comprar um bilhete de comboio. Há até um homem, a alguns lugares dali, dos seus cinquenta anos, que lê um jornal, à antiga. Incomoda ligeiramente o vizinho, com o cotovelo, quando vira a página. É o único que não dá toda a sua atenção a um ecrã. Mesmo a criança de cinco anos não importuna ninguém aos berros no corredor, pois parece hipnotizada por um desenho animado. Ao lado, a mãe olha para o mesmo que esse menino, sem o auscultador, não tem um segundo a perder para a paisagem e ainda menos para o que a rodeia.

Vernon desabitou-se. No acampamento, as conexões são proibidas. Faz parte de um excesso paranoico da Hiena, que decretou que deviam dedicar-se a viver à margem dos radares, não deixando qualquer traço digital, nem das suas deslocações, nem das suas conversas. Tem-se sempre a impressão de que ela prepara o grupo para sobreviver a uma Terceira Guerra Mundial durante a qual não enviar *e-mails* possa ser particularmente importante. Num primeiro momento, toda a gente se submeteu ao protocolo como a um ritual maluco cujo interesse principal seria construir regras à parte, permitindo definir o espaço do acampamento como uma bolha. Ao longo dos meses, Vernon foi sentindo que as pessoas mudavam de atitude. Snowden passara pelo mesmo. A ordem parece cada vez menos folclórica. A desconfiança que a tecnologia inspira aumentou e já ninguém pensa em gozar cinicamente ao entrar num espaço com acesso à Internet.

Quando descem do comboio, na estação de Montparnasse, Vernon é ultrapassado pela multidão, é uma vertigem estranhíssima.

O ruído, sobretudo, dá cabo dele. Como se adivinhasse a sua perturbação, Mariana desliza-lhe a mão pelo braço. É uma mulher mesmo muito pequena, mas há no seu gesto uma autoridade apaixonante, que lembra um adulto a sossegar uma criança.

Não foi só ele quem se desabitou; foi também a cidade que mudou. Num ano, a tensão subiu vários graus. Paris endureceu. Vernon percebeu de imediato essa proximidade da agressão — as pessoas andam enfurecidas, chateiam-se umas com as outras, todas prontas para discutir e andar à porrada. Nos corredores do metro, não se vê um único sorriso, um único corpo que diga tenho tempo a perder. Ninguém se demora, como eles estão sempre a fazer no acampamento. É uma cidade adulta — não se dirige a palavra a ninguém que não se conheça, a não ser para o repreender. As imagens bombardeiam-no, demasiados cartazes, demasiadas mensagens parasitas. Só quando desceu ao cais, identificou o que o incomodava desde que tinham chegado. O odor. Paris é uma cloaca olfativa — mistura de putrefação de ar viciado de olências corporais de perfumes de pivetes a ferro e a máquina e a sujidade e a produtos químicos. Vernon toma consciência de que está a suster a respiração. Há meses que cheira todos os cantos dos locais onde estão, cada novo *spot* tem o seu odor, tornando-o particular e único. Aqui, pela primeira vez, de muito tempo a esta parte, recusa-se a farejar o sítio onde está.

Em casa de Kiko, Mariana olha em volta com aquele ar de desconfiança que Vernon conhece tão bem — o ar que assumem as pessoas que não estão habituadas ao luxo quando confrontadas com ele: dir-se-ia que a mergulharam em óleo a ferver. É a vez de Vernon lhe pôr a mão na base das costas, esperando transmitir-lhe um pouco da sua calma. As pessoas muito ricas sabem o que fazem quando mobilam os apartamentos, ainda que o façam

instintivamente: cada objeto ali grita pela atenção daqueles que não estão habituados ao luxo: sai-me desta sala, proletário. A diferença entre uma decoração de burguesinho rebelde e uma decoração de um tipo da classe alta resulta dessa cambiante: uma declara a qualquer pessoa «sente-te em casa» e a outra procura excluir todos aqueles que não têm boas maneiras. Mas Vernon já conhecia a casa, não o impressiona.

Também Kiko mudou muito. De todas as pessoas do acampamento, talvez seja mesmo aquele que experimentou a revolução mais radical. Vernon tornou-se a sua extravagância, o seu *hobby* de fim de semana. Kiko largou a vida de corretor. Como um gajo no casino que decidisse sair da mesa no momento em que mais está a ganhar. *Take the cash and run*. Em retrospectiva, nunca se arrepende da decisão — diz que é preciso ser-se maluco para se ser rico e trabalhar.

Não é o único do seu grupo social a ter tido uma revelação. Conhece outros tipos que, um dia, de cu enfiado numa bacia de água com bolhinhas, à sombra das palmeiras de um *bungalow* nas ilhas Maurícias, olharam para o par de tetas da miúda que os acompanhava e levaram com um relâmpago de lucidez: a vida deles é merdosa. O único interesse que veem nela é a convicção de que toda a gente os inveja. Ora, o que Kiko descobriu de extraordinário, naquele grupo, é que ninguém queria estar no seu lugar. Outra pessoa teria simplesmente mudado de grupo social — teria ido procurar uma companhia que o serenasse. Ele ficou. Mudou de estratégia.

Nos primeiros meses, foi dominado por uma espécie de febre libertária. Dir-se-ia que estava a descomprimir. Nalgumas pessoas, é a energia reacionária que se liberta com a idade e que por vezes surge esmagando tudo à sua passagem. No seu caso, foi o libertário dentro de si que ele deixou sair. O qual ficara

durante muito tempo encarquilhado, censurado, interrompido, e que, ao desenvolver-se, armou uma gigantesca algazarra. Ou, mais do que o libertário: o cristão. Mas no sentido mais primário do termo: aquele que em Kiko amava Cristo — no mínimo recalcado durante todos esses anos —, de súbito, assumiu o controlo. A cena durou uns seis meses. Era de uma generosidade incómoda, tornava-se superpenoso.

Nunca mais queria trabalhar, jurava que o dinheiro o enojava, que ia viver com eles, estudava com Olga prospetos de *minivans*, já se via na caravana, a segui-los, já não se sentia nada materialista. Tinha uma ideia a cada manhã. Ia vender o apartamento parisiense e comprar uma pequena aldeia no Jura, abandonada, iam todos instalar-se lá e viver em comunidade. Não é porque os *hippies* assentaram que é preciso parar de tentar. As coisas falham até alcançarem o sucesso. Kiko conhece um monte de médicos e, na hierarquia da sua rede de contactos, os médicos estão no topo — convenceria um deles a instalar-se na aldeia. Assim, conseguiriam sempre fazer a distinção entre um ataque cardíaco e uma crise de pânico, ou entre um cancro e uma grande verruga. Não se preocupariam com nada. Envelheceriam em paz.

Ora, com o tempo, o entusiasmo foi-se atenuando. Estava farto de acampar, regressara a Paris, recaíra na coca e reatara com o pessoal que conhecia de antigamente. A sua paixão crística acalmara-se. Investira num *site* que vendia erva, em Los Angeles. Passou a ser menos visto no acampamento. Mas voltava regularmente. Entretinha-os durante serões inteiros com o seu projeto de parque temático — espera pela legalização francesa, que, segundo ele, não deverá tardar. Imagina algo entre o Jurassic Park e o *spa* do Le Bristol, mas organizado em torno da erva. O seu

delírio é de tal modo avançado que acaba por o tornar credível. Haveria, no parque, jacúzis, projeções de vídeo, sessões de ioga especialmente estudadas para os mocados, um pouco de arte contemporânea, massagens, muita música, e *muffins* por todo o lado, para a retraça.

Kiko reencontrou a sua vida de antigamente, mas revelou-se nele esse lado refratário. Já não está sempre pronto a dar tudo. Todo o seu tempo, todos os seus pensamentos, todos os seus desejos, todas as suas convicções. Já não está disposto a demonstrar que é sempre capaz de acrescentar uma tarefa suplementar ao seu emprego do tempo. A sua adesão ao sistema já não é perfeita. A submissão já não o excita tanto como dantes. A sua forma de o exprimir é regressar ao acampamento, com pessoas que não se parecem com ele. Não voltou ao ponto de partida — encontrou um equilíbrio alternativo, uma alternância de identidades.

Faz-se destacar sempre um pouco mais do que os outros, fala muito. No acampamento, o silêncio é um conceito importante. Menos para Kiko. Mas ninguém se queixa. É ele quem resolve os problemas. Não abusa da sua posição senão no sentido em que ocupa muito espaço sonoro. Há uma coisa sobre a qual é sincero e que não muda com o passar do tempo: as sensações que experimenta durante as convergências, nenhuma droga lhas concede. Ele quer chegar «lá». A sua última fantasia é a de que Vernon deve assumir a posição de guru com maior seriedade. Kiko tem ambição para dar e vender.

Convida-os a sentar-se à volta da mesa da cozinha, abre o frigorífico e tira compulsivamente toda a comida que lá encontra, como se eles estivessem esfomeados. Abre uma garrafa de

champanhe, e Vernon diz não com os antibióticos vai dar cabo de mim. Mariana pega na taça que ele lhe estende e engole-a de um trago. Está fechada sobre si mesma e enraivecida. Não percebeu, ao cruzar-se com ele no acampamento, que Kiko era rico *a este ponto*. Desconfiava que não tivesse a mesma vida dos outros, por causa dessa mania que tem de brandir o cartão de crédito assim que alguém fala num qualquer pequeno problema. Mas não estava à espera disto, deste luxo insultuoso para as pessoas que não estão acostumadas a ele. Ela dá à perna, sentada na cadeira, lança olhares enfurecidos à sua volta. Até o frigorífico *Smeg* vermelho a irrita, na sua redondez bonacheirona.

Kiko não consegue ficar sossegado — mete um disco de Erykah Badu, demasiado alto, pergunta-lhes se querem droga, tem um novo *dealer*, formidável, que o serve na hora. Tem de preencher os vazios — é impossível saber do que é que tem tanto medo para estar sempre a armar uma algazarra. Vernon está acostumado ao seu frenesim.

— Olha, sabes aquela árvore do Buttes-Chaumont, com as raízes enormes, onde te estavas sempre a sentar? Arrancaram-na. Já te disseram?

— Não. Quando é que isso foi?

— No início de fevereiro.

— Como é que isso aconteceu?

— Uma manobra errada.

— Uma árvore daquele tamanho? Estavam a fazer marcha-atrás e não a viram?

— Andaram a fazer obras no parque. Não sei de mais nada.

Aquilo chateia Vernon. Que as coisas não permaneçam como são continua a ser o mais difícil de aceitar. Volta a pensar nessa

árvore, que era alta como um prédio, e nas horas que passou apoiado ao seu tronco, instalado como um rei. Diz:

— Vou perguntar ao Charles. Ele conhece bem os jardineiros, desde que anda pelo parque... Há muito tempo que não o vemos. Vou passar no bairro dele...

Kiko já não está a ouvir. Está lançado num solo à volta do seu tema fetiche: Vernon possui um dom. As palavras para o descrever são singulares. E, segundo o seu raciocínio, todo o problema, pois há um problema, advém de Vernon não assumir o seu papel.

— Não podes ser o líder sem te sacrificares pelo todo. Está bem, a tua cena funciona. E essa forma que tens de te manteres afastado das pessoas durante as convergências confere-te uma aura de gajo misterioso. Isso é bacano. É instintivo, é fixe. Deixas um espaço livre para o fantasma. Uma espécie de *storytelling* através do vazio. Enquanto a noite não começa, ninguém sabe exatamente o que o grande Vernon Subutex tem de tão especial. OK, isso aumenta o teu charme.

Mas não lhe parece suficiente. Vernon nunca faz nada verdadeiramente impressionante, como curar com as mãos ou entrar em contacto com os mortos para que possam falar aos vivos como se ele fosse um género de atendedor de chamadas cósmico. Não se leva demasiado a sério. Kiko vê as coisas em grande. É a sua natureza. Bate nervosamente com a unha do indicador na mesa. Tem uma nova ideia:

— Conheces Confúcio? Essa história da árvore, acho que a podíamos usar... Os romanos arrancaram a árvore debaixo da qual Confúcio pregava. Ouvi-o na rádio. Creio que essa questão da árvore (era o quê, um carvalho?, já não sabes? Pergunta ao Charles, se o fores ver) pode revelar-se uma vantagem, se a inserirmos na criação do teu mito enquanto profeta.

– Kiko, continuas a ouvir a France Culture? Deixa-te disso. Já to disseram várias vezes. Isso mistura-se muito mal com a cocaína. Sou DJ, não o caralho de um profeta.

– Ando a instruir-me, ó idiota, ando a instruir-me e tu insultas-me. A influência de Confúcio era tão grande que preferiram deitar abaixo a árvore sob a qual pregava, para o obrigarem a fugir... temos aqui uma história, meu. Podia começar assim: as autoridades francesas, alertadas pelo teu grande poder, deitaram abaixo a árvore nas raízes da qual te sentavas...

– Kiko, tu conheces-me, estou pronto para engolir qualquer parvoíce, mas garanto-te que entre Confúcio e eu, embora tenham arrancado a árvore de que ele gostava... não funciona.

– Vais dizer-me que conhecias Confúcio?

– Não. Mas, por instinto, posso dizer-te que não faz sentido.

– Por instinto... típico da ignorância. Não percebes como é que isto funciona, mas já tens a certeza de que não funciona. Pensei bem nisto, é preciso contar a história. Penso que devíamos contactar uma romancista. Comecei a fazer uma *short list*.

– Deixa-te de Frances Cultures. Cansas toda a gente com isso.

Quando tem uma noite livre, Kiko compra dois gramas de coca e ouve *podcasts* como se não houvesse amanhã. Enche cadernos com ideias disparatadas. As quais, no dia seguinte, considera perfeitamente razoáveis — e aqui não é apenas a coca a falar, é a classe social à qual pertence: julga que tudo lhe é permitido e não suporta qualquer limitação. Assim, insiste:

– Estou a pensar contratar uma romancista suficientemente capaz para dar forma a isto, mas que não tenha demasiado sucesso, senão vai fazer o que lhe der na cabeça e ao fim de três meses vai chatear-nos com as ideias dela e que não nos interessam para nada.

Mariana interrompe-o, já vai na sua terceira taça de champanhe e começa a relaxar:

— Porque é que te inclinas para uma rapariga? Por causa da sensibilidade?

— Devemos ser mais lúcidos do que politicamente corretos: os gajos com talento têm mais que fazer da vida... E vão custar-nos muita massa, enquanto uma rapariga, propomos-lhe dois salários mínimos e ela dá-nos três anos da vida dela... É mesmo assim: vocês foram feitas para cuidar dos outros. Há dois mil anos que é assim, e não vai mudar lá porque a Simone disse para acordarem. E, além disso, sejamos claros, aqui entre nós, sem merdinhas: o Vernon é o profeta indicado para as gajas...

Há meses que anda com esta. Dá cabo das costas debruçado sobre o ecrã do computador a ler biografias de profetas na Wikipédia. Ele, que nunca leu, fá-lo até ficar atordoado. Acredita na sua jogada: Vernon tem um dom e bastaria organizar bem a comunicação para que fosse algo em grande. Mariana esvazia a taça de champanhe, Kiko já tem a segunda garrafa nas mãos, faz saltar a rolha, e ela pergunta:

— A história de Confúcio foi escrita quantos séculos depois da morte dele? Um profeta é coisa que se demora a estabelecer, não?

— Porque Confúcio, por exemplo, é como Moisés, são profetas à antiga. Quanto mais te aproximas da nossa época, mais instantaneamente aparecem.

— Como as catedrais, que demoravam décadas a ser erguidas, enquanto agora um centro comercial se monta em três ou quatro meses?

— Exatamente.

— E pensas em quem como exemplo de um profeta recente?

— Em quem nos interessa mais diretamente: o Ron Hubbard.

Há alguns meses que Kiko convoca o fundador da cientologia a toda a hora. Desta vez, a France Culture não tem nada que ver com o assunto — trata-se de uma conversa com um vizinho de avião durante um voo Paris–Los Angeles.

Kiko parte do princípio de que o que impede Vernon de entrar verdadeiramente no seu papel de guru é o medo de que seja preciso ser-se um mártir para se ser um bom profeta.

É assim que se unem os primeiros fiéis: é necessário haver uma injustiça. Idealmente, uma morte trágica. Se houver um pouco de tortura atroz em toda a história, esta torna-se ainda mais marcante. Ora, Kiko percebe que Vernon quer evitar a parte em que lhe cospem em cima enquanto ele arrasta uma cruz de oitenta quilos às costas, antes de terminar com os flancos trespassados, a agonizar, de mãos pregadas nessa mesma cruz. Basta ver o estado em que o mete uma dor de dentes para constatar que Vernon não foi feito para sofrer dignamente. É por isso que Hubbard lhe parece um excelente contra-exemplo:

— Grandes barcos, chavalitas com saias brancas, quase sem pelos, comida excelente... e o gajo era um pouco como tu no início: vais vê-lo quando tinha trinta anos e é a porra de um falhado. Com todo o meu respeito, mas francamente, aos trinta anos, não valias grande coisa. A verdadeira diferença entre vocês é que o gajo estava motivado. É o que te falta, Vernon. A parte mental. Pega num resultado desportivo e vais ver que a parte mental representa oitenta por cento da *performance*. Se melhorares o teu mental, temos tudo aquilo de que precisamos: as convergências são cada vez mais incríveis. Desde que as duas miúdas de Bordéus mixaram os infrabaixos do Bleach para que os possas propagar em ondas contínuas, ultrapassámos uma barreira... O Bleach teria dado um bom guru. Era bonito, há uns retratos dele sublimes e, acima de tudo, morreu em sofrimento,

na solidão, arranjando um pouco a história, pode-se mesmo falar de decadência. É perfeito. Quando estivermos de acordo acerca da romancista, proponho que lhe digamos para guardar um lugar para ele no quadro, para algo à João Batista e Jesus, ‘tás a ver?... Qualquer coisa assim subtil, que permita que as pessoas fiquem curiosas por saber quem é o verdadeiro profeta.

– Outra vez a France Culture?

– Não, também ouço a Courtoisie... Mas, bacano, tens de fazer um esforço. O potencial, o talento, a realidade da coisa... isso tudo não chega a dez por cento do sucesso de um empreendimento.

– Desliga o rádio, afasta-te dos livros. Sai para dançar. Compra uma mota. Não te metas em nenhum trabalho que seja intelectual, sabes tão bem como eu que esse não é o teu lado mais forte...

No acampamento, Kiko não é o único com a impressão de que aquilo está a ferver, que vai explodir, que é preciso «fazer qualquer coisa» importante. Há quem queira mudar-se para Detroit, há quem queira organizar-se numa companhia circense, há quem queira visitar uma comunidade em Itália, há os que voltam da ZAD de Notre-Dame... Toda a gente tem uma ideia sobre o que fazer a seguir. Exceto Vernon, que gostaria apenas de que tudo continuasse como está — às três pancadas, sem forma fixa, sem complicar.

O velho Charles, esse bebedolas, tem como projeto a rodagem de um filme. A ideia veio-lhe de algumas colegas de Pamela que se lhes juntaram e lhe minaram a cabeça. Chavalas de mamas operadas, de unhas pintadas, que no início o intimidaram, mas que ele descobriu serem mais sensíveis ao seu humor e à sua

filosofia do que pensava. *Punks* fechadas em corpos de criaturas dedicadas ao vício. Ele propôs um projeto de filme sobre uma utopia: raparigas isoladas numa ilha deserta, rodeadas de coelhos brancos e pequenos *caniches* fofinhos... Projeto que elas transformaram, numa só noite, num filme de *zombies*. E Charles ouviu, com a boca aberta de admiração, uma das raparigas a descrever a cena em que ela pinava a boca de um cadáver com a ajuda de um enorme *strap-on* roxo.

Mas não chegou, como seria necessário, a aperfeiçoar esse projeto utópico. Quando Mariana diz que se vai encontrar com umas amigas em Montmartre e cambaleia ao levantar-se, porque bebeu de mais, Vernon levanta-se para a amparar. Ele diz que vai visitar Charles. Vai dar uma volta pelos bares do seu bairro, o velho anda sempre por lá.

Véro alisa o saco de papel *kraft* com a palma da mão até conseguir dobrá-lo cuidadosamente e arrumá-lo por cima dos outros. Não voltará a ouvir, nas suas costas, os berros do velho, que não suportava vê-la a dedicar tanta atenção às pilhas de embalagens enquanto o resto do apartamento estava na merda. Ficava furo por ela se esquecer da roupa na máquina de lavar até ficar a cheirar a mofo, mas ter o cuidado de dividir os sacos de plástico e de papel por tamanho, cor e material no grande móvel da sala, que esvaziou de toda a loiça por ter demasiados sacos. Cada um com as suas manias. O aparador castanho está a abarrotar de embalagens, dominar esse espaço concede a Véro um prazer tão intenso quanto inexplicável. De um lado, estão as embalagens de bolha, depois, as de papel, as pequenas de plástico ao lado das grandes, e, na última secção, os sacos mais bonitos que encontra na rua.

Compraram esse móvel juntos num dia em que foram visitar a Emaús, na periferia, porque um tipo que frequentava o bar deles trabalhava lá de vez em quando. Era toda uma expedição, ir à Emaús, mas tomava-se o aperitivo no jardim e a seguir ficavam tão bêbedos que, quando voltavam para casa, nem sabiam como é que tinham lá chegado. Era verão. Nunca iam a lado nenhum. Um pouco de vegetação só fazia bem ao espírito, mesmo a Véro,

que não era lá muito dada à clorofila, no geral. O móvel custava dez euros, tinham-no comprado num estado de embriaguez tão avançado que ficaram surpreendidos quando o vieram entregar, alguns dias depois. Charles detestou-o logo. É verdade que ocupa o espaço todo. E que não serviu para nada de jeito. Primeiro, arrumaram lá pratos, e o correio. E, por fim, ela requisitou-o para os seus sacos. Está cheio de gavetas e prateleiras, é perfeito para lhe satisfazer a mania. Charles dizia que ela sabia muito bem o que estava a fazer no dia em que o comprou, e que já tinha tudo maquinado. Talvez tivesse razão: o cérebro das pessoas que possuem objetivos irracionais tem mais profundidade de campo do que o daquelas que funcionam normalmente, está um passo à frente, vê mais longe. É como com o álcool. Mesmo quando ela quer parar de beber, vê bem que o seu cérebro toma medidas para a colocar em situações que não lhe dão qualquer hipótese, e em geral tudo isso acontece contra a sua vontade — quer isto dizer que não decide beber, recorda-se que tem de telefonar a um velho amigo que está a passar por uma aflição e, uma vez em casa dele, percebe que aquilo de que veio à procura consiste numa dúzia de pastis. O cérebro dos queimados é mesmo assim: dá a volta à consciência, prepara os seus golpes pela calada, de forma que se possa obter exatamente aquilo que se quer fingindo que se pensava noutra coisa.

Agora, pode fazer o que quiser com o aparador. Pode até estender a arrumação a toda a sala, se isso a entretiver... Charles já não está lá para gritar com ela. Acabaram-se as brigas.

O velho morreu. Fê-lo bem, o imbecil, deixou-se ir sem fazer barulho. Uma crise como aviso, só para prevenir que algo de grave se estava a tramar, caiu em cima de um balcão no início da noite, contorceu-se durante um momento, de lado, a cuspir

sangue, enquanto chegava a ajuda. Beneficiou de uma curta semana com um restabelecimento espetacular, que aproveitou para tratar dos seus assuntos, como se soubesse que se estava a despedir. Uma recaída fulminante, à frente da mercearia, um AVC, um a sério. Véro estava com ele. Mesmo antes de cair, estavam a discutir porque ela queria que ele comprasse um frasco de leite condensado da *Nestlé* para o pequeno-almoço e ele insistia que ela não precisava daquilo, que era dinheiro atirado para o lixo e que aquilo lhe dava cabo do estômago. Tinha sempre uma palavra para lhe foder a cabeça, o velho. No hospital, os enfermeiros tinham olhado para eles como para um velho casal de quem se tem pena por saber que a morte os vai separar. Eram alcoólicos, sim, via-se pela fronha, mas eram também velhos de mão dada que só se deixariam no derradeiro momento, porque Charles agarrava-se a ela como nunca o fizera antes, não dizia nada, mas ela via que ele tinha medo e ela não arranjara nada para lhe dizer a não ser vai correr tudo bem meu querido vais safar-te desta. E, de fora, era isso que pareciam: um velho casal a despedir-se. De resto, eram-no. Mas a harmonia nunca fora o seu ponto forte.

No primeiro ataque, que não fora suficiente para o levar, a família do velho não se precipitara para a sua cabeceira. A irmã tinha, ainda assim, telefonado para saber notícias, mas ao ser informada de que ele se recompusera, não se dignara a deslocar-se. Tanto melhor, não passa de uma otária. Os amigos do bar demonstraram mais interesse. O velho Michel fora vê-lo duas vezes — revendera o bar, mas, antes disso, Charles e ele tinham sido amigalhões. E o gordo François — na verdade, quase um amigo de infância, também ele do Norte. Ahmed, que trabalhara no Bar des Vosges quando este ainda era um bistrô respeitável, também viera dar uma vista de olhos. Tinha mudado muito. Como tantos

outros. Já não bebia álcool e não se atrevera a contar-lhes o que lhe acontecera, mas eles tinham-no adivinhado — temos de nos adequar aos tempos, e ele rezava e cumpria o ramadão. Naquele bairro, agora era difícil possuir aquele nome e acabar a cerveja tranquilo sem ninguém aparecer para te dar conselhos de moral. Outros, companheiros de pândega, sabendo da notícia por outras pessoas, tinham prometido ir visitá-lo — na idade dele, já não se iludiam, a uma apoplexia geralmente seguem-se grandes complicações. Charles não teve de esperar muito por elas. Fora uma sorte ela estar ali no dia em que isso aconteceu. Merda. O velho morreu a dar-lhe a mão. Esse talvez tenha sido o momento mais terno de toda a história de ambos. Não é o primeiro que ela vê a esticar o pernil. Mas isto foi diferente. Ela tinha pensado *é só isto. Já está*. Morrer não é nada de especial. Faz-se todo um filme à volta disso, mas quando acontece, é apenas uma ligeira distensão.

Porra, a pressão que faziam nos hospitais para libertarem a cama, uma vez constatado o óbito. Por lá, não é a empatia pelos que ficam que os detém. Por mais que se saiba que para eles aquilo não passa de papelada, que veem mortos todos os dias, que estão assoberbados em trabalho, que há falta de camas, que há uma crise e que seria criminoso ocupar um quarto quando se está oficialmente morto — tem-se sempre vontade de fuzilar alguém quando começam a apressar-se para que não se perca tempo com um cadáver. Não lhe deram sequer cinco minutos de sossego. Nesse momento, ficou em choque e não se virou contra ninguém. Mas depois as imagens perseguem-na — lançaram-se ao corpo frio como se já não tivesse qualquer valor, como se não fosse mais importante do que um velho frigorífico abandonado.

Quase quinze anos com aquele imbecil, a ouvi-lo a ressonar todas as noites, e desta vez não ia aturá-lo às voltas pela casa, podiam ter-lhe dado algum tempo. É uma questão de decência.

Mesmo pessoas como eles precisam de se despedir. Nem que seja só para acreditar que aquilo aconteceu. Está feito. Já não se vai mexer, aquele monte de carne, já não vai andar aos berros já não vai bater com o punho na mesa já não vai gritar com ela quando mudar de canal já não vai mijar ao lado da sanita já não vai chamar-lhe estúpida do caralho quando ela diz que o Obama é *sexy*, acabou-se. Ele cantava *A Internacional* sempre que ouvia a palavra «dívida», pelo que já não se podia ligar a televisão sem que ele a comesçasse a cantar. Mas acabou. Isso e tudo o resto.

Mesmo sendo miserável, a sua vida em conjunto, ela não o detestava. Quando o conheceu, já era demasiado velha para se tentar convencer de que ele era algo mais do que alguém a quem ela se podia agarrar. Sabia que só o suportava porque tinha medo de estar sozinha. Já não tinha idade, e, aliás, há muito tempo, para pensar que o amor era algo mais do que uma outra qualquer parvoíce, um disparate que inventaram para fazer as pessoas comprar micro-ondas e chaços a crédito.

Ela estava sempre a censurá-lo por alguma coisa. Sabia que eram parvoíces. No entanto, passou muito tempo a repisar à frente da banca da cozinha a litania dos defeitos que não suportava nele. Mas sabia muito bem que, sem ele, ficaria deprimida. Ainda assim, às vezes partiam-se a rir à gargalhada. É que Charles não era um gajo que gerasse melancolia. Por mais que repetisse o contrário a todas as pessoas que a quisessem ouvir, a sua coabitação não era apenas uma questão de economizar um arrendamento e de partilhar os custos do aquecimento. A seu modo, não se entendiam assim tão mal. Ele era um grulha, um brigão. Ela podia atirar-lhe um *pack* de doze cervejas à cara, ele não era do género de se lamuriar.

Alisa um saco de plástico cor-de-rosa, a matéria é tão fina que se pode ver através dele. Começa por puxar as alças para que

assuma perfeitamente a sua forma, dobra-o em dois pelo meio, depois em três no sentido da altura. Arruma-o com os outros. Agora que já não dão os sacos nas lojas, a coleção ganha mais valor.

Charles era maluco por *reality shows*. Quanto mais estúpida fosse a emissão, mais contente ficava. Quando dava com um programa em que se exibiam pessoas que viviam a acumular objetos, que não eram capazes de deitar fora aquilo que ainda lhes poderia servir para alguma coisa, às quais chamam Diógenes — sufocava de tanto rir e tossir, cheio de pressa de berrar «anda ver esta gordalhona anda ver como é que a gente vai acabar se eu te deixar fazer tudo o que queres» —, e depois disto, durante três dias, insinuava-se atrás dela a cuscar o que ela andava a guardar, chamava-lhe Didine, diminutivo de Diógenes, e tentava obrigá-la a deitar fora as embalagens e outras coisas potencialmente úteis. Mas não é ela que tem toc, como se diz. É o mundo que a rodeia que anda completamente passado dos carretos. Que mania é essa de espetar tudo no caixote do lixo? Não é por toda a gente fazer o mesmo que se torna razoável.

Ouve Barbara. *Dis quand reviendras-tu, dis au moins le sais-tu* e aquilo saca-lhe uma lágrima. Aproveita que ele já não está ali para pôr música. O velho não gostava da canção francesa, nem da poesia. De início, ela julgava que era porque sentia que não era capaz de compreender o que ali se contava, como um complexo que ele próprio tivesse arranjado. Depois pensou que era sobretudo para a chatear, para a impedir de pôr um toque de beleza na sua vida, que era para ela não tirar o focinho da lama e da merda, e que ele se aborrecia por ela aceder a coisas um pouquinho mais bonitas do que a rua deles. Acabara por admitir que ele não tinha nenhum complexo contra ela nem vontade de a reduzir à mediocridade: não gostava de música nem de poesia, encarava-as como uma hipocrisia dos betinhos. Os seus poemas

de Emily Dickinson e de Alejandra Pizarnik, os seus discos de Aznavour ou de Léo Ferré: merdices para betinhos. Para darem nas vistas. Fumaça. Era assim que via as coisas.

Para o velho Charles, a verdade crua e dura da humanidade era a carnificina. Tratava-se apenas de saber quem é que tinha o direito de exercer a crueldade sobre quem. Tudo o resto, segundo ele, era poesia — uma forma de disfarçar o fedor a cadáver que acompanha o homem para todo o lado onde vá. Ah, se era para ser misantropo, então havia de o ser a sério.

Arruma o saco, bem alinhado com os de baixo, mas não tem tempo de fechar a gaveta, pois precisa de correr para a casa de banho. Vomita bílis. Uma verdadeira via-sacra. O álcool cai-lhe cada vez pior. Deve ser do *stress*. Toda aquela papelada que vai ser preciso preencher.

Abre outra garrafa, porque já se sabe: se se está doente porque se bebeu de mais, há que beber mais um bocado para pôr o estômago em forma. Serve-se de um restinho, só para molhar os lábios. O velho morreu, ficou quase quinze anos com ele, o que torna tudo mais fácil de calcular: há mais de quinze anos que todos os dias ela jura que vai parar de beber. Já não tem idade para isto, meu Deus, dá cabo dela lá por dentro. As melhores coisas desta vida têm um fim, o qual geralmente é prematuro: a garrafa foi a sua melhor amiga desde sempre, a sua paixão, o seu único amor — e mesmo essa acabou por lhe dar problemas.

Durante todo esse tempo com Charles, fizera promessas que não cumprira. Parar de beber. Voltar a estudar. Bazar, largá-lo, encontrar um quarto para ela, começar uma vida nova. Às vezes, ele estava demasiado bêbedo para que se lembrasse de lhe saltar para cima, e, quando conseguia levantá-lo, ela espetava-lhe pontapés para que a deixasse em paz. Ele era da velha escola: parecia-lhe normal que ela dissesse não e que ele mesmo assim

insistisse. Hoje em dia, as pessoas já não são assim. Civilizaram-se. Mas, na sua geração, não passavam de animais. Ficava revolvida quando ele conseguia enfiar-lha. Como vês, isto não me dá prazer nenhum. Ele ria-se. Não faço isto para te dar prazer, é só para esvaziar os colhões. Sem se incomodar. À antiga.

Antes dele, ela gostava sobretudo de homens mais novos. Novos e bonitos. Antes dele, ela ainda podia escolher, de alguma forma. Mas a partir de Charles, estragara-se demasiado para sequer pretender obter aquilo que queria. Deus do Céu, mas com o que é que ela se parecia agora? Com nada. Culpava-o por isso, quando, na verdade, não tinha nada que ver com ele. Dizia que, se tivesse sido feliz com ele, teria cuidado do físico. Dizia que, se tivesse vivido sozinha, se teria conservado melhor, que se teria forçado a semanas e semanas sem tocar em álcool, a fazer ginástica, dieta, que lhe teria feito bem. Agora que ele já não está vivo, terá de arranjar outro culpado. Ou de ir fazer uma cura num lado qualquer. Era esquisito pensar nisso.

Continua sem conseguir acreditar. Desconfiava de algo. Mas não esperava por uma sorte destas. E muito menos que ele se organizasse, esse velho chalupa, para que assinassem uma união de facto e ela pudesse ter direito a algo. Nem que ele deixasse aquela carta de doente. Com a sua velha letra deformada. Uma letra que se parece com o corpo — toda torta, a sair da linha, toda tremida, as pernas dos pés a cair no vazio e as barras dos tês a derrapar até ao fim da página. Uma letra desleixada, contraditória e em decomposição. Mas uma escrita elegante, a escrita de alguém que um dia quis escrever corretamente. Explicou tudo bem, calculou tudo — onde é que o idiota do velho ia buscar lucidez para preparar tão discretamente a sua jogada?

Não consegue acreditar. Mais de um milhão. Depositada numa conta, a quantia está quase intacta. Ela tem dificuldade

Vernon Subutex, ex-proprietário arruinado de uma loja de discos tornado DJ-guru, e o seu grupo de amigos formam uma comuna errante que vai percorrendo diversas zonas remotas de França. Aí organizam «convergências», raves muito populares onde não são permitidas drogas nem aparelhos digitais. A música e a dança são suficientes para proporcionar uma sensação inexplicável de transcendência e euforia. Vernon, porém, vê-se obrigado a regressar à capital parisiense, onde recebe a notícia da morte do seu amigo Charles, um bêbedo semilouco que lhe deixa metade da sua fortuna. Nem os discípulos de Vernon, figuras à margem da sociedade e pretensamente livres, se revelam imunes à discórdia trazida pelo «vil metal». É o início do fim da comunidade, que perde o seu líder ao mesmo tempo que testemunha acontecimentos que transformarão a sociedade francesa e o despontar de uma nova ordem mundial.

No aguardado desfecho do fenómeno *Vernon Subutex*, Virginie Despentes conclui um dos frescos literários mais inteligentes e irreverentes do século XXI, retratando uma sociedade violenta, desiludida e à beira do abismo, uma sociedade que é a nossa.

**«Uma epopeia parisiense à la Zola,
centrada tanto na classe como no sexo.»**

THE NEW YORK REVIEW OF BOOKS



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

[penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897870231



9 789897 870231 >